

DESAFIOS DE UMA PROPOSTA PNEUMATOLÓGICA PARA O PENTECOSTALISMO

Challenges of a pneumatological proposal for pentecostalism

Claiton Ivan Pommerening¹

RESUMO

A teologia do pentecostalismo tem algumas deficiências em sua formulação teológica formal, pois é basicamente de tradição oral, experiencial e narrativa e, portanto, volúvel e adaptável às exigências sociais, mercadológicas e religiosas, por outro lado é sujeita às teologias históricas cessacionistas que tolgem a liberdade experiencial do Espírito. Entretanto, apesar de sua teologia líquida, o tema da pneumatologia, na maioria dos casos, continua tendo valor prioritário, dessa forma, este artigo quer valorizar a teologia do Espírito Santo e propor uma teorização atenta à necessidade da experiência, sem que uma anule a outra. Para isso se salientará a imprevisibilidade, a irreverência, o paradoxismo, o holismo, o carisma e o agir cuidadoso do Espírito Santo.

Palavras-chave: Pneumatologia; pentecostalismo; experiência religiosa; êxtase.

¹ Mestre e doutor em Teologia pela Faculdades EST. Membro do RELEP – Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais, do NEPP – Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo, do Fórum Pentecostal Latino-americano e Caribenho e GEP – Grupo de Estudo do Pentecostalismo. Professor de Teologia na Faculdade Refidim (Joinville – SC) e editor da Azusa Revista de Estudos Pentecostais (ISSN 2178-7441). Pastor auxiliar na Assembleia de Deus em Joinville (SC). E-mail: claiton@ceeduc.edu.br. Endereço Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5540550378381150>.

ABSTRACT

Pentecostalism's theology has some deficiencies in its formal theological formulation, for it is basically an oral, experiential and narrative tradition, and, therefore, voluble and adaptable to the social, marketing and religious requirements, on the other hand, it is subjected to the historical cessationism theologies that stunt the experimental freedom of the Spirit. However, despite its theological liquidity, the pneumatological theme, in most cases, continues to have priority value, this way, this article wishes to value the theology of the Holy Spirit and to propose a theorizing mindful to the need of experience, without one aborting the other. For this, the unpredictability, the irreverence, the paradoxism, the holism, the charismatism and the careful acting of the Holy Spirit will be highlighted.

Keywords: Pneumatology; pentecostalism; religious experience; ecstasy.

INTRODUÇÃO

Esta proposta de teologia do Espírito Santo não visa desprezar as que já foram escritas sobre isso, nem tem a pretensão de resolver questões que ficaram abertas; tão simplesmente se propõe a refletir sobre alguns pontos de vista, que no entendimento do autor são imprescindíveis, algumas delas já foram propostas por outros pesquisadores.

Com essas propostas não se está sugerindo o abandono da racionalidade ou dos postulados acadêmicos, apenas o resgate da emotividade, da sensibilidade e do livre agir do Espírito. A própria sistematização e racionalização da doutrina do Espírito Santo através de escritos e explicações lógicas e teológicas já é uma das manifestações dele na inteligência humana. Entretanto, a racionalidade “exige a eliminação das informações inassimiláveis que tenderiam a romper o mundo por ela construído”.² Desta forma, para uma melhor assimilação da pneumatologia no pentecostalismo, além da reflexão racional, é preciso também dar lugar à experiência e às emoções.

² ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005. p. 105.

1 A IMPREVISIBILIDADE DO ESPÍRITO³

Uma das características da manifestação do Espírito Santo no Antigo Testamento é seu surgimento quando o povo de Deus se encontrava em aperto e opressão. O povo clamava e o Espírito se manifestava conclamando alguém para a libertação, mas a manifestação geralmente foi imprevisível quanto à pessoa, ao modo e ao lugar.

Isto pode ser observado em algumas passagens bíblicas: Gideão estava no lagar, recebeu a visita do anjo e foi revestido do Espírito do Senhor, mesmo estando com medo, (Jz 6.34); Balaão, embora com o coração dividido, foi tomado pelo Espírito do Senhor (Nm 24.2); o profeta Obadias reconheceu a imprevisibilidade do Espírito em Elias (1Re 18.12); quando Israel estava lamentando diante de Deus a ameaça de guerra dos moabitas e amonitas, veio repentinamente o Espírito do Senhor no meio da congregação (2Cr 20.14); o profeta Zacarias foi apedrejado pela imprevisibilidade da manifestação (2Cr 24.20); sobre Ezequiel se diz que caiu sobre ele, numa ideia de rompante, o Espírito do Senhor (Ez 11.5); uma mulher concebeu a Jesus pelo Espírito Santo (Mt 1.18); quando Jesus foi batizado e saiu da água o Espírito Santo veio sobre ele; sobre a família de Cornélio o Espírito Santo veio interrompendo a fala de Pedro (At 10.44). Estes exemplos de imprevisibilidade atestam para a completa liberdade que o Espírito tem para agir onde, quando e como quiser e ainda age apesar do ser humanas e de suas estruturas pecaminosas. Talvez isto mostre o fato de que ninguém pode controlar o Espírito, Ele é que possui e controla o ser humano.

Durante a história da igreja sempre que a burocracia e a institucionalização locupletavam o Espírito, este irrompia de novo em

³ Welker cita como evidência irrefutável da ação do Espírito no Antigo Testamento sua “imprevisibilidade, incalculabilidade e inacessibilidade.” WELKER, Michael. *O Espírito de Deus: teologia do Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010. p. 91.

novas maneiras dentro de velhas estruturas, tornando aquilo que era velho em algo novo, apesar dos protestos do poder instituído. Muitas vezes a religião instituída clamava por um avivamento, mas este se manifestava de maneira inovadora para a velha religião. A imprevisibilidade do Espírito vem de maneira inapropriada e no tempo inapropriado para aquilo que está instituído. Pode ainda se manifestar de forma ínfima em pequenas formas quase imperceptíveis ou ainda em gigantescas explosões de desorganização do previsto e nova organização e geração de vida plena.

Foi assim com Jesus que ao fluir no Espírito com uma proposta de uma religião do coração em oposição a uma religião de aparências não foi aceito na comunidade judaica. Igualmente com o monacato. Ou ainda, com movimentos espirituais populares e de leigos; com a reforma protestante; com o metodismo; com os movimentos de santificação e no século passado com o pentecostalismo. Entretanto, sempre que os movimentos do Espírito fenecem, por humanamente se esfriarem e/ou se institucionalizarem e se racionalizarem, este novamente brota dentro da própria instituição ou fora dela, de maneira inovadora, com sua beleza e poder, às vezes de maneira simples e cotidiana e outras de forma esplendorosa e milagrosa.

Mas Ele irrompe não somente na macro-história, mas também no cotidiano, como por exemplo no clamor dos pobres, nas comunidades pentecostais de periferia, no movimento feminista, na teologia da libertação, nos movimentos ecológicos, nos movimentos migratórios europeus, no desejo de renovação de líderes da igreja mais comprometidos, no grito dos operários explorados pelo capitalismo selvagem, no movimento de protestos conhecidos como as Manifestações de Junho (2013), no clamor de insatisfação de milhões de pessoas com sua situação de falta de moradia, de salário justo, por justiça social, por eliminação da corrupção e

tantos outros gritos de opressão que são ouvidos. Este é o gemido inexprimível do Espírito irrompendo nas mais variadas formas, justamente ali onde a sua vida em plenitude quer se instalar, mas está impedida pela exploração e opressão humana e diabólica.

1.1 O pentecostalismo como sinal da imprevisibilidade do Espírito

Desde o Antigo Testamento o agir do Espírito estava envolto em “coisas assustadoras, ambíguas, estranhas, com dúvidas e desamparo.” Os que eram “possuídos” por Ele, em alguns casos, podiam agir de forma desconexa, confusa e arbitrária.⁴ Isto “testemunha com muita nitidez o quanto a ação do Espírito e suas consequências podem ser estranhas e perigosas. Mostra que os portadores do Espírito não estão em condições de controlar a ação do Espírito de Deus e suas consequências”.⁵

O surgimento de comunidades eclesiais pentecostais remete, portanto, ao caráter livre, “gratuito e surpreendente da iniciativa de Deus o qual age por meio do seu Espírito. [Sendo assim] a efusão do Espírito se atualiza ao longo da história, gerando ‘*novos pentecostes*’”.⁶

O Espírito atua de forma desconexa com a racionalidade. Já dizia o evangelista João num texto muito utilizado pelos pentecostais para se referirem ao Espírito que “O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz; mas não sabes donde vem, nem para onde vai” (Jo 3.8). Logo, as

⁴ É o caso de Sansão, Jefté e outros personagens bíblicos. “As pessoas atingidas e revestidas pelo Espírito vão além de si mesmas; transformam sua identidade, entram em êxtase profético e ficam praticamente irreconhecíveis. Elas ficam iradas; tocam trombeta, dilaceram bois, transformam-se em líderes do povo, tornam-se o centro de um movimento libertador; em todos os casos, elas não pertencem mais a si próprias.” WELKER, 2010, p. 77.

⁵ WELKER, 2010, p. 59.

⁶ BARROS, Paulo Cesar. *Pentecostalismo: a liberdade do Espírito. Perspectiva teológica*, Belo Horizonte, ano 43, n. 119, p. 6, jan./abr. 2011.

igrejas do Espírito acabam seguindo esta mesma diretriz, abdicando e até mesmo desprezando qualquer organização formal do ato litúrgico, ou quando esta se estabelece, procura-se afirmá-lo como informal, só para não se perder de vista a não racionalidade (subjéctiva, é claro). “É bastante duvidoso que a última palavra do espírito seja ‘ordem’, a despeito de ‘desordem’ ser algo pouco aprazível”.⁷ Entretanto, algumas lideranças por desconhecerem, desprezarem ou mesmo terem outros motivos, procuram sistematizar a atuação do Espírito. Surge assim a rotinização da manifestação do Espírito, dando-se apenas um mínimo de liberdade para que não se perca o controle da situação. Weber chama esta rotinização de “planejamento metódico” e, por isto, racionais; as quais são “todas as formas de prática, sistemática e definitivamente orientada para fins preciosos de salvação”.⁸

A posse do Espírito é [...] produto de um método. [...] O fato das manifestações do espírito suscitarem “desordem” não é ainda um critério que nos desse o direito teológico de rejeitar estas manifestações. Pelo contrário, é a dinâmica do espírito que torna possível que se distinga entre a defesa da fé e a defesa de um status quo. Graças ao espírito, é possível, sob certas circunstâncias, levantar a exigência de defender a fé contra o status quo, contra a ordem eclesiástica, contra a instituição. Apenas ali onde uma instituição eclesiástica concede esta possibilidade em relação a si mesma, é possível falar efetivamente de liberdade cristã.⁹

A posse do Espírito, no sentido de Ele se deixar domesticar não é produto exclusivo das igrejas da Palavra, mas é também perceptível nas igrejas que dizem dar liberdade ao Espírito. Aliás, esta crítica da liberdade do Espírito é algo que diferencia entre si algumas igrejas pentecostais.

⁷ KÄSEMANN, E. *Der Ruf der Freiheit*. Tübingen, 1968, p. 75. *Apud*: BRANDT, Hermann. *O Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 1985. p. 42.

⁸ WEBER, Max. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Ícone, 2010. p. 38.

⁹ BRANDT, 1985, p. 38.

Diz-se nas igrejas de periferia que as igrejas mais elitizadas não dão liberdade ao Espírito, por conseguinte são categorizadas como igrejas “frias”, ou seja, onde não ocorre a imprevisibilidade do Espírito.

Até hoje a teologia evangélica não conseguiu se libertar completamente da desconfiança em relação ao Espírito. Até hoje nós pregadores não sabemos exatamente o que dizer em Pentecostes. Até hoje comunidades se sentem inseguras e impelidas ao protesto quando uma prédica intenta proclamar séria e consequentemente o poder vivificador e criativo do Espírito.¹⁰

Quando nas igrejas elitizadas ocorre alguma manifestação do Espírito que venha causar “desordem” no culto, o oficiante procura dar um jeito de aquietar a situação. Às vezes usa-se o argumento do “culto racional” de Romanos 12, outras vezes de que os “espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas” de 1ª Coríntios 14. Assim acomoda-se a atuação do Espírito à racionalidade evitando-se a desordem. Faltando a desordem, sob o olhar da periferia, falta também a vida e a celebração.

A mesma situação ocorre com pregadores que se utilizam mais da racionalidade do que da emotividade. Diz-se dos primeiros que são frios, já os outros tem a “unção”¹¹ do Espírito e são mais aceitos pelas comunidades de periferia.

A substituição pela racionalidade e a repressão do mover do Espírito pela hierarquia clerical ou mesmo pela elitização do Pentecostalismo é uma séria ameaça ao mover livre do Espírito neste segmento religioso.

Não é elegante para comunidades mais elitizadas a manifestação do Espírito, pois apela à não racionalidade e a desdobramentos social-

¹⁰ BRANDT, 1985, p. 30.

¹¹ No sentido de apelar à manifestação das emoções e assim dar “liberdade” ao Espírito para “operar” livremente.

mente não aceitos, causando até mesmo zombaria e piadas por parte dos que compõem estas comunidades. Já o é socialmente aceito pelas comunidades de periferia. Acredita-se neste contexto que quanto maior a desordem e as atitudes não racionais, maior a manifestação do Espírito. Assim sendo, as críticas surgem de ambos os lados: de um a acusação de frieza e falta do Espírito e de outro o desprezo pelas manifestações do Espírito que são justamente imprevisíveis. Brandt afirma que “se é verdade que o espírito cria vida, então também é verdade [...] que ele cria ao mesmo tempo a ‘desordem’”.¹²

Trata-se, porém, de reconhecer que, desde os primórdios da Igreja, as manifestações do espírito foram encaradas como desordenadas, sendo teologicamente avaliadas de uma forma negativa.¹³

O espírito age, portanto, de uma forma que traz insegurança, pois ele questiona criticamente o caráter absoluto dos dogmas e um cristianismo que neles se fundamenta.¹⁴

O Espírito e a valorização da experiência é o que promovem no pentecostalismo a sua espontaneidade e provoca a comunidade à agir de forma livre e acolhedora aos que sofrem.

1.2 Imprevisibilidade provocadora do Espírito

Não se deixar provocar pode ser adequado e aceitável, porém a única maneira de agir com o Espírito, segundo Brandt, é orar. Através dela, ele provoca à ação, à criatividade e ao irracional. “Não sabemos o que faremos, a que estaremos dispostos – se nos deixarmos provocar!”¹⁵ Através da oração e da experiência com o Espírito se “busca no tempo aquilo que supera o tempo. Ela [a experiência]

¹² BRANDT, 1985, p. 59.

¹³ BRANDT, 1985, p. 31.

¹⁴ BRANDT, 1985, p. 58.

busca a comunhão com o Mistério eterno, Mistério este que envolve o tempo, mas que também o transcende infinitamente”.¹⁶

Esta experiência tem sua causa no próprio Deus (Espírito). Não é um mero produto da interpretação humana nem criação do “sagrado” pelo próprio homem. Portanto, [...] é uma experiência *determinada* por Deus. [...] A experiência do Espírito goza sempre de certa *autonomia*. Caso contrário não teria ocorrido uma revelação cristã e nem mesmo teríamos experiências providas realmente da ação do Espírito.¹⁷

É o Espírito Santo quem concede “poder” ao crente pentecostal, em sua experiência mística do batismo, a superar suas limitações e pecados e lhe capacitar a realizar “a obra de Deus”, parafraseando Otto.¹⁸ Assim, conforme Durkheim, “o fiel que se comunica com seu deus não é apenas um homem que enxerga as novas verdades que o descrente ignora; ele é um homem que pode mais”.¹⁹ Desta forma, é uma motivação a mais para sua busca incessante da experiência não racional.

2 A IRREVERÊNCIA ARREBATADORA

A presença do Espírito é tão impactante para a psique humana que normalmente desorganiza as convenções sociais. Entretanto, é uma forma de aquilatar a potencialidade das faculdades humanas. Foi assim que aconteceu com Moisés e os setenta anciãos que tiveram difi-

¹⁵ BRANDT, 1985, p. 137.

¹⁶ BOFF, Clodovis. Perspectivas da experiência religiosa para o novo milênio. In: ANJOS, Márcio Fabri dos (Org.). *Sob o fogo do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 305.

¹⁷ MIRANDA, Mário de França. A experiência do Espírito Santo: abordagem teológica. In: ANJOS, Márcio Fabri dos (Org.). *Sob o fogo do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 124.

¹⁸ OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007. p. 69.

culdade de sair do transe profético (Nm 11.24-30). E ainda com outros: com Davi quando entrou dançando em Jerusalém (2 Sm 6.14); Sansão fez coisas, ao ser possuído pelo Espírito, completamente fora de lógicas humanas (Jz 13.25; 14.6,19; 15.14); Saul ao ser tomado pelo Espírito matou uma junta de bois e enviou pedaços para as tribos de Israel (1Sm 11.6-7); em outra ocasião ficou um dia todo sem roupa profetizando (1Sm 19-18-24); no dia de pentecostes a irreverência foi tão evidente que achou-se que os discípulos estavam embriagados; Paulo evocou a razão humana para controlar o agir do Espírito na igreja de Corinto.

A manifestação do Espírito não pergunta pelo lugar ou pela conveniência, ele é irreverente, é racionalmente descabida, pois apela ao *pathos* divino. “O espírito como uma dimensão da vida compreende mais do que a razão. Ele abrange eros, paixão, emoção”.²⁰ É de ruptura e surpresa. Extrapola os limites e condicionamentos da razão humana, é racional e não racional ao mesmo tempo. Não aniquila nem despreza a razão, caso contrário sua manifestação se tornaria um caos, bem como seria impossível sua sistematização em uma teologia racional. “O racionalismo que ignora os seres, a subjetividade, a afetividade e a vida é irracional.”²¹

Sua irreverência leva à fascinação, ao terror, ao aniquilamento, à reverência e ao assombro diante do mistério que se revela. É não racional porque apela aos anseios, desejos e complexidades mais profundas da alma humana, não mensuráveis e inexplicáveis. Estruturas estas tão fortes e incontroláveis como o amor e a morte. Esta irreverência não é negativa, apenas precisa ser entendida com pressupostos diferentes das

²⁰ BRANDT, 1985, p. 145-146.

²¹ MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2ª ed. São Paulo/Brasília: Cortez/Unesco, 2012. p. 23.

que a razão humana e a teologia extremamente racionalista julgam como corretas.²²

As pessoas atingidas e revestidas pelo Espírito vão além de si mesmas; transformam sua identidade, entram em êxtase profético e ficam praticamente irreconhecíveis. Elas ficam iradas; [...] tornam-se o centro de um movimento libertador; em todos os casos, elas claramente não pertencem mais a si próprias. [...] ficam fora de si.²³

3 O PARADOXISMO SURPREENDENTE

A universalidade e abrangência da manifestação do Espírito extrapola a lógica humana, pois ele pode pairar sobre as águas como uma grande mãe cuidadora e criadora, mas também pode promover a explosão das grandes estrelas; está presente no vazio, mas também na abundância; se manifesta na igreja, um suposto lugar de santos, mas também no mundo, o lugar dos profanos; está no céu, mas também no lugar dos mortos ao ressuscitar Jesus; promove a vida, mas também está presente ao consolar na morte; promove uma espiritualidade centrada e descentrada de si (em busca do outro); seu paradoxismo está presente nos dons carismáticos e também na cotidianidade do labor cansativo. Enfim, este ser onipresente, onipotente e onisciente não experimenta limites, explicações ou aprisionamentos. É tão imenso que nem a racionalidade nem a emotividade conseguem manifestá-lo em sua plenitude.

²² Numa tentativa de sistematizar a relação entre fé e ciência Mikael Stenmark apontou quatro possibilidades: irreconciliabilidade, independência, diferentes versões de reconciliação, e de substituição de uma pela outra; e apontou uma possibilidade real e histórica de apoio mútuo, embora tensionado. STENMARK, Mikael. Meios de relacionar a ciência e a religião. In: HARRISON, Peter (Org.). *Ciência e religião*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014. p. 370. Pode ser que esta última seja também uma possibilidade de relação entre teologia e experiência.

O paradoxo do agir do Espírito é presente entre ricos e pobres, conclamando-os à justiça; entre homem e mulher, rompendo formas de machismo e feminismo; entre leigos e clero, permitindo que todos tenham acesso ao divino; entre razão e emoção,²⁴ promovendo equilíbrio entre ambas; entre intimismo e comunidade, dando importância à solitude e ao serviço; entre a sensibilidade²⁵ e o poder, mostrando que está presente nas pequenas coisas, mas também nas incompreensíveis; na igreja e no mundo, mostrando que não existem barreiras para o Reino de Deus.

4 O HOLISMO ENVOLVENTE

A descida do Espírito sobre os personagens bíblicos acima relatados sempre produziram unidade e atraíram lealdade a uma causa. Mas sua manifestação é também em plenitude, ou seja, todas as dimensões da vida e todas as pessoas estão incluídas. A profecia de Joel atesta para o fato de que abrange pais e filhos, velhos e jovens, escravos e livres, ou seja, toda a raça humana.

Uma teologia do Espírito Santo deve entender que seu agir não se dá somente na conversão, no batismo com o Espírito Santo ou na manifestação dos dons. Isto seria um reducionismo. O pentecostalismo não pode reduzir a ação do Espírito Santo sob pena de trair o próprio movimento. Não pode hipervalorizar os dons carismáticos em detrimento da amplitude do agir do Espírito. Como visto anteriormente sua abrangência

²⁴ “Não há um estágio superior da razão dominante da emoção, mas um eixo intelecto-afeto, e, de certa maneira, a capacidade de emoções é indispensável ao estabelecimento de comportamentos racionais.” MORIN, 2012, p. 20.

²⁵ No hb. *Ruach* é substantivo feminino. Foi ele que gestou as águas do caos da terra sem forma e vazia; se se nasce do Espírito, logo ele tem um útero materno.

se dá em todas as dimensões da vida humana e cósmica, extrapolando os limites da igreja e de sua habitação humana.

Viver segundo o Espírito não é apenas receber sua ajuda para ter uma vida confortável, mas é também fazer opção a favor dos pobres, permitindo-lhes acesso a bens básicos de consumo, ao trabalho, à renda, à moradia, segurança e educação. E ainda, promover a liberdade, a justiça social, viver a essência do amor a qualquer custo, cuidar da natureza, permitir abençoar e ampliar a comunhão cristã com o exercício dos dons e receber sua inspiração para a criatividade e para as artes.²⁶

A vida no Espírito manifesta-se na coragem de se abrir às possibilidades transgressoras daquilo que está petrificado em estruturas engessadas que não servem mais à vida, mas à morte. E também permitir que Ele promova vida nova em abundância e irrompa sempre de novo onde o comodismo, a indiferença, o autoritarismo, a lassidão, o legalismo O tenha impedido de agir. “Os mecanismos psicossociais de obscurecimento da precariedade do nosso mundo têm a função de nos enfeitiçar para que vivamos como se o precário fosse permanente, como se os fatos fossem coisas”.²⁷

5 O CARISMA DO SERVIÇO

No Novo Testamento há uma lista que enumera os vários dons do Espírito, que são divididos em dons de manifestação, de serviço e

²⁶ BOFF, Leonardo. *O Espírito Santo: fogo interior, doador da vida e Pai do pobres*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 215-244.

²⁷ ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. Campinas: Papirus, 2006. p. 129. *Apud*: REBLIN, Iuri Andréas. A não ciência de Deus a partir de Rubem Alves. In: SCHAPER, Valério Guilherme et al. (Orgs.). *Deuses e ciências na América Latina*. São Leopoldo: Oikos; EST, 2012. p. 113.

ministérios. Estes são muito valiosos ao cristianismo, especialmente ao pentecostalismo. Mas é em Isaías (11.2-3) que consta uma importante lista de dons,²⁸ que na verdade são atributos do Espírito Santo que estiveram sobre Cristo, mas que também estão disponíveis para todos e tornam a vida mais plena e bela.

Segundo Libânio, trata-se do dom da **sabedoria**, que é a capacidade de julgar todas as coisas e tomar as decisões mais acertadas. O dom do **entendimento**, que é capacidade de captar intelectualmente as realidades divinas e humanas e que abre também a mente à compreensão das escrituras. O dom da **ciência**, que é a capacidade de argumentar e dar razões e organizar provas científicas. O dom do **conselho**, que é a capacidade de discernir e consultar a si mesmo e aos outros para saber a perfeita vontade de Deus. O dom de **fortaleza** é dado para não se desfalecer no combate da fé, vivendo bem o cotidiano apesar das dificuldades e obstáculos. O dom da **piedade**, que faz ter a experiência da relação filial com Deus, permitindo perceber a sacralidade de Deus, das pessoas e da natureza. O dom do **temor** de Deus que é a docilidade que move a reverenciar e submeter-se a Deus.²⁹

Com relação a estes atributos do Espírito concedidos como dons à humanidade, São Gregório faz menção a eles em oposição à fraqueza humana da seguinte forma:

O Espírito Santo nos dá a sabedoria contra a estultícia, o entendimento contra a estupidez, o conselho contra a precipita-

²⁸ As versões bíblicas mais usuais utilizam seis dons, mas na tradução dos LXX no início do versículo 3 utiliza a palavra “piedade” ao invés de “temor”, fazendo a tradição posterior aceitar sete dons. CROATTO, José Severino. *Isaías: a palavra profética e sua releitura hermenêutica*. São Paulo: Vozes/Sinodal, 1989. p. 88-89.

²⁹ LIBANIO, João Batista. *Deus Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 108-114. Embora esta compreensão não é a mesma que os pentecostais tem dos dons do Espírito Santo.

ção, a fortaleza contra o medo, a ciência contra a ignorância, a piedade contra a dureza, o temor contra a soberba.³⁰

6 O AGIR EM CUIDADOS

Uma das áreas deficientes do pentecostalismo é a falta de uma visão holística do agir do Espírito. Falta esta que produz fuga e alienação de realidades importantes da vida. Tem-se confundido que o Espírito serve apenas à organização individual e construção comunitária, faltando um olhar mais atento à natureza, ao envolvimento político, às políticas públicas, à promoção de justiça social e a outras multiformes maneiras do Espírito agir no mundo.

A negligência com a natureza é consequência da ideia dispensacionalista da iminência da volta de Cristo.³¹ Como este mundo seria entregue à própria sorte com o arrebatamento dos crentes se desencadearia uma série de cataclismos de proporções dantescas e destruidoras. E assim a terra não precisaria de cuidados.

O envolvimento político teve início de forma institucionalizada com a bancada constituinte de 1988. No entanto, esse envolvimento levou em conta, quase exclusivamente, um compromisso com a liberdade religiosa. Até hoje as propostas deste segmento evangélico na política se resumem, na maioria dos casos, a defesa da família e conservação da moral. Todavia, lhe faltam propostas de envolvimento efetivo em políticas públicas e de promoção de justiça social. Dessa forma,

³⁰ CASANOVA, José. *Public religions in the modern world*. Chicago and London: Chicago Press, 1994. p. 211.

³¹ Seria o arrebatamento da igreja, momento em que Cristo vem à terra levar para si aqueles que o aceitaram como salvador, conforme o dispensacionismo vigente no pentecostalismo brasileiro.

assume uma atitude defensiva de seus interesses e combativa ao interesse de outros segmentos.

Experiência pentecostal [...] sem o seguimento pessoal e político de Jesus passam a ser uma coisa espiritualista e ilusória. O seguimento pessoal e político de Jesus sem a espiritualidade que “bebe do próprio poço” (G. Gutiérrez) torna-se legalista e rigorista.³²

Porém, há de se destacar importantes trabalhos sociais desenvolvidos dentro do pentecostalismo com comunidades terapêuticas para dependentes químicos, abrigos para crianças em situação de vulnerabilidade social, atendimento às pessoas de baixa renda com distribuição de itens de necessidades básicas e instituição de estabelecimentos de educação nos mais variados níveis. Todavia, são iniciativas incipientes diante da capacidade laborativa e organizacional desse segmento religioso, bem como diante das necessidades da sociedade.

Neste sentido, Moltmann questiona a fraca presença dos pentecostais no dia a dia do mundo,

no movimento pacifista, nos movimentos libertadores, no movimento ecológico. [...] Se os carismas são dados não para que se fuja da realidade deste mundo para um mundo de sonhos religiosos, e sim para testemunhar a soberania libertadora de Cristo nos conflitos deste mundo, então o “movimento carismático” não pode transformar-se numa religião despolitizada, e muito menos despolitizante.³³

A limitação da atuação do Espírito apenas aos dons carismáticos, torna o Reino de Deus limitado, pois impossibilita sua manifestação de forma mais concreta no mundo através da comunidade do Espírito. O

³² MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 2010. p. 121.

³³ MOLTSMANN, 2010, p. 179.

Reino quer se estabelecer criando vida onde há sinais de morte, esperança onde se instalou a resignação, dignidade onde há vilipêndio, justiça onde impera a falta de escolhas, libertação onde domina a opressão, perdão onde existe culpa e amor onde há alienação e ódio.

O amor de Deus manifesto através da ação do Espírito, desperta forças que antes não havia e leva a comunidade a “*consolar* os tristes, *curar* os doentes e *sanar* as recordações, *acolher* estranhos e *perdoar* pecados, ou seja, *salvar* dos poderes da destruição a vida ameaçada e prejudicada.” Tal amor é “incomensuravelmente superior às decepções e mágoas que restringem e oprimem nosso amor à vida”.³⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema do Espírito Santo indiscutivelmente é prioritário na teologia e nos cultos pentecostais. Por ser tão presente certamente não se sentiu necessidade de uma melhor interpretação. O presente artigo fez uma tentativa de compreender este assunto, seguindo uma mentalidade pentecostal assembleiana que valorize, além da racionalização teológica, a experiência, o êxtase e as situações concretas da vida.

³⁴ MOLTSMANN, Jürgen. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 29,38.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. Campinas: Papirus, 2006.
- ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005.
- ANJOS, Márcio Fabri dos (Org.). *Sob o fogo do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- BARROS, Paulo Cesar. Pentecostalismo: a liberdade do Espírito. *Perspectiva teológica*, Belo Horizonte, ano 43, n. 119, p. 6, jan./abr. 2011.
- BOFF, Leonardo. *O Espírito Santo: fogo interior, doador da vida e Pai do pobres*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BRANDT, Hermann. *O Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.
- CROATTO, José Severino. *Isaias: a palavra profética e sua releitura hermenêutica*. São Paulo: Vozes/Sinodal, 1989.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HARRISON, Peter (Org.). *Ciência e religião*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.
- LIBANIO, João Batista. *Deus Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 2010.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2ª ed. São Paulo/Brasília: Cortez/Unesco, 2012.
- OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.
- SCHAPER, Valério Guilherme et al. (Orgs.). *Deuses e ciências na América Latina*. São Leopoldo: Oikos; EST, 2012.
- WEBER, Max. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Ícone, 2010.
- WELKER, Michael. *O Espírito de Deus: teologia do Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010.